ANO 3.° LISBOA--SABADO, 18 DE AGOSTO DE 1923 N.° 717

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

MAIS NOTAS?

O sr. Velhinho Correia, assim como o sr. presidente do ministerio, manifestou-se contrario a qualquer novo aumento da circulação fiducia.

Acredita ele que com as medidas que se propõe adoptar — emprego do cheque cruzado, estabelecimento das camaras de compensação, etc. — resolve a crise de falta de numerario em que se debate o comercio, a industria, a agricultura e a finança?

O seu conhecimento dos assuntos financeiros está á prova, esperando nós, que ele não fraqueje no cumprimento da sua promessa.

Pertencemos ao numero dos que contrariam o inflaccionismo papelifero como um recurso facil, mas altamente pernicioso para a normalização da nossa vida financeira.

Só o admitimos em casos muito especiais e rodeado das cautelas requeridas, para que não sirva de incitamento á especulação e á febre de mercantilismo que nos devora.

Achamo-nos, porventura, num desses momentos em que os governos têm de proceder como os medicos que tratam um doente de certa gravidade?

O sr. Velhinho Correia, embora reconhecendo as dificuldades da situação, encontra-se disposto a fazer-lhe face, sem recorrer ás estamparias do Banco de Portugal.

Apoiamo-lo, francamente, crentes de que a sua atitude é a dum verdadeiro estadista que sabe o que quere e quere simplesmente o que é justo.

Bem sabemos que o nosso mercado de capitais atravessa uma hora sombria que é, comtudo, uma bela indicação medicinal dos males causados pelo abuso da nota.

Existe realmente uma massa de negocios que exige, como muitos pretendem, um alargamento de circulação?

Os elementos estatisticos escasseiam a tal respeito, mas, sem receio de nos apodarem de exagerados, podemos dizer que, sob a designação vaga de negocios, se oculta muita coisa que merece uma severa repressão.

Porque não nos havemos de habituar á moderação nos nossos gastos, poupando o escudo, senão como a melhor das moedas, ao menos como a unica que *podemos ter?*

Convem lembrar que os beneficios momentaneos duma nova emissão veem a pagar-se mais tarde, com lingua de palmo.

É preferivel sofrer agora algumas provações, vencendo-as com sacrificios, porque desanuviamos assim um futuro que se anuncia cheio de borrascas.

O *Diario de Lisboa*, depois de a apresentar a sua opinião, promete dar aos seus leitores, num dos primeiros dias da proxima semana, uma exposição completa sobre o magno assunto do aumento da circulação fiduciaria—exposição acompanhada de numeros e graficos, dum lado os prós doutro os contras, podendo os seus amabilissimos leitores orientar-se, sem sombra de erro, num assunto a que não são estranhas as paixões e os apetites dos homens.

OS meses em que as paixões politicas abrandam a sua virulencia são estes— junho, julho, agosto e setembro. Em nenhum deles estalou ainda uma só revolução.

Como, porêm, as tradições respeitaveis atravessam um periodo de irreverencias, os agitadores *maquinam* na sombra, a fim de ajuntarem aos calores da estação outros calores de naturesa publica.

Não cremos que cheguem a executar os seus belicos propositos.

No entanto, o facto merece apontar-se como um sintoma evidente do muito que os portugueses têm progredido na arte de assinalar todos os meses do ano, com umas tantas gotas de sangue.

* * *

O NOVO prior de Santa Isabel, conego Alvaro dos Santos, que ontem tomou posse da sua freguesia, é uma figura de grande relevo no meio eclesiastico.

O conego Alvaro dos Santos foi o primeiro sacerdote que se ofereceu para ir para França como capelão militar. Conservou-se dois anos em campanha, sendo citado na Ordem do Exercito e condecorado duas vezes.

Depois do seu regresso, foi encarregado de paroquiar as freguesias de Carcavelos e S. Domingos de Rana.

* * *

O SR. Presidente da Republica continua doente, posto que os seus padecimentos não se tivessem agravado. A proposito dizemos que, tendo constado que o sr. dr. Antonio José de Almeida, depois de 5 de Outubro, se ia dedicar á propaganda republicana e ao desenvolvimento de uma politica de conciliação e tolerancia, um medico ilustre, especialista da doença de que sofre o antigo tribuno, declarou que, apesar de toda a sua boa vontade, a actividade exigida por essa propaganda era incompativel com o repouso de que necessita o antigo e ilustre chefe politico.

* * *

O PÃO politico leva ao Estado perto de duas centenas de milhares de contos por ano. Em beneficio—de quem? Do povo consumidor, exclusivamente? Há duvidas a este respeito. O certo, porém, é que a politica que se anuncia por parte do ilustre titular da Agricultura, de combate á aludida ficção economica, correndo o risco de não agradar á lavoura e de desagradar certamente ao consumidor tem de ser vista com uma prudencia que ponha ao abrigo de novos precalços a faculdade facil de legislar sobre pão e trigos.

* * *

A primeira pessoa—segundo nos informam —a ser convidada oficialmente para ministro de Portugal em Londres será o sr. dr. Afonso Costa. Um amigo politico do antigo chefe do governo, apesar de não pertencer á roda limitada dos seus intimos disse-nos hoje, a proposito, que o sr. dr. Afonso Costa não deseja, pelo menos por agora, dedicar-se á diplomacia.

* * *

EM sua reunião de 4 dêste mês o Conselho da Ordem de Cristo aprovou a concessão de varios graus desta distinção a alguns dos membros da missão intelectual ao Brasil, e que ali foram a quando da visita presidencial.

A FALTA DE AGUA

—A Companhia das Aguas devia seguir o exemplo da do Gaz... Talvez que fazendo umas sondagens encontrasse agua...

HOJE falava-se nos meios financeiros em que a solução bancaria está dependente da presença do titular das Finanças que reassume as suas funções na proxima segunda-feira. As soluções apontadas são diversas, segundo uns uma reforma rapida da lei bancaria de 1896, que o titular das Finanças apresentaria á sanção do parlamento quando da sua reabertura, segundo outros o uso da faculdade concedida ao governo para emitir bons de moeda subsidiaria de prata cujo montante vai a algumas dezenas de milhares de contos.

Esta ultima solução, porventura brigando com o contracto do Banco de Portugal, serão neste momento um aumento da circulação fiduciaria, absolutamente com todas as garantias legais, que decerto viria contribuir para melhorar a situação de deficiencia de numerario nas praças do país.

* * *

QUANDO da eleição presidencial, alguns parlamentares sentiram-se tanto á vontade que fumaram cigarros sobre cigarros, como se estivessem no seu gabinete de trabalho ou á mesa dum café.

Um jornalista estrangeiro que presenciou a nossa democracia num dos seus intantes de bom humor, mostrou-se encantado com a cena.

Em vez de filiar a sua moralidade, numa repentina ausencia do sentimento das conveniencias e respeitos, alarga-se sobre a maneira simples e modesta como as republicas elegem os seus chefes.

Que bom seria que a sua explicação correspondesse á verdade!

Acontece, porém, que os individuos que, em S. Bento, se serviram do cigarro para crearem, na sala das sessões, uma pesada atmosfera de fumo, não quizeram dar um exemplo das suas virtudes republicanas, mas sim satisfazer um vicio que nem sempre os deixa ver a deselegancia dos seus gestos.

* * *

FOI mandado arquivar, por despacho do juiz de investigação criminal, o processo em virtude do qual tinham sido suspensos os funcionarios dos T. M. E., srs. Adolfo Correia Mendes, José Pena e Luís de Aguiar. As redes de arrasto das sindicancias e inqueritos, levando reputações boas e más de mistura, para satisfazer exigencias momentaneas de opinião, põem em cheque muitas vezes o nome de pessoas de bem. Quando o apuramento de responsabilidades permitem voltar um funcionario ao seu primeiro e legitimo logar, todas as pessoas devem rejubilar com o facto, que é o que agora sucede. Os funcionarios aludidos consta que vão ser reintegrados, embora dispensados a seguir, por terem sido eliminados os serviços que desempenhavam.

* * *

DEVEM ser publicados por estes dias os decretos exonerando o sr. dr. Brito Camacho de Alto Comissario de Moçambique e nomeando o sr. Azevedo Coutinho, e nomeando governadores das provincias de Cabo Verde e Timor, respectivamente, os srs. dr. Julio de Abreu e Raimundo Meira.

* * *

O sumario n.° 33 dos *Fantoches*, vigoroso panfleto de Rocha Martins, é o seguinte: «Fradique de Ferragudo», «Os nababos da moagem», «Porque não o reconheço», «Os macacos dos ditadores».

Mutilados

Uma carta

De um leitor recebemos a seguinte carta onde se relata um facto lamentavel e curioso:

Sr. Dirctor: — Permita que, no jornal que v. proficientemente dirige, eu relate aos seus numerosos leitores um caso por mim presenciado ontem, o qual me causou a mais viva repugnancia: — Seriam 21 horas, aproximadamente, deparei na Avenida da Liberdade com um soldado que na Grande Guerra perdera o braço direito, segurando no esquerdo uma criancinha e sendo seguido por um tenente que o intimou a dar-lhe o numero e a acompanhá-lo, por lhe não ter feito o cumprimento militar.—Sr. Director: Como quereria esse oficial que aquele infeliz militarmente o cumprimentasse, se apenas lhe restava um braço com que segurava ao colo a criança?!—Não se lembrou talvez que naquela manga vazia houve outr'ora um braço, que ficou nas terras da Flandres ou nas plagas torridas da Africa, por ter obedecido ao grito de alarme que a Patria bradou de: — «defendei-me!»—Não lhe inspirou dó aquele rosto, aquele inocentinho e aquela mulher que o acompanhava suplicante a quem esse senhor respondia arrogantemente?!

Talvez esse oficial fosse daqueles que nunca sairam, no periodo da guerra, de Liboa, onde poderia fazer ruido, arrastando a espada, para se fazer notar.

Sr. Director: — Li algumas vezes nos jornais da capital, e entre eles no «Diario de Lisboa», os brados piedosos a favor desses desventurados, dessas vitimas da guerra que assolou a Europa inteira, e, com magua, vejo como são tratados para o olvido os mutilados que, por arriscarem a vida para salvar outras, teem como recompensa, o abandono completo, de maneira que, para morrerem de fome, lhes baste.

Que triste scena aquela que o acaso me fez presenciar, porque um pobre soldado não «erguesse» o braço, cumprimentando!...—Se no esquerdo segurava a criança—não podendo movê-lo livremente—julgava eu talvez bastante que, não desejando esse oficial privar-se do cumprimento daquele farrapo humano o advertisse, dizendo-lhe que pedisse á França ou á Africa aquele que já reduzido a pó, lá deixou para salvar a vida dos que aqui ficaram, nas estanças, dos quais talvez esse senhor fizesse parte.

Que tristeza tudo isto!...

De v., etc.—*Seu constante leitor.*

Agencia de anuncios "A Peninsular"

A acreditada agencia de anuncios «A Peninsular», que ha cinco anos se fundou na Rua dos Retrozeiros, tendo visto gradualmente aumentar a sua clientela, a ponto de ser hoje uma das primeiras de Lisboa, mudou a sua sede para a Rua da Vitoria, 55, em frente da Casa Africana, onde já na segunda feira proxima oferece os seus serviços ao publico. As novas instalações de «A Peninsular» são deveras luxuosas, ali encontrando tambem os leitores do *Diario de Lisboa* a possibilidade de nos transmitirem quaesquer comunicações urgentes pelo telefone 5500 Central.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Pasta limpa typos «RIBOLDA»

para maquinas de escrever, numeradores, etc.

Unica em todo o mundo

Tel. N. 3158--OLIVER L.da--R. da Prata, 250, 2.°

SANDALIAS

PARA CREANÇAS E ADULTOS

As melhores e as mais baratas de Lisboa

SAPATARIA CHIADO

96—RUA GARRETT—98

QUEM QUER

VESTIR BEM E BARATO

confronta os preços do

DEPOSITO DA COVILHA

porque vende directamente da fabrica ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos

TEM ALFAIATES

LÃS EM FIO PARA MALHAS

ROCIO, 93, 2.° ANDAR

Telefone 4670-N.—Ascensor

Filial, R. do Ouro, 206, 1.° (entrada Loja da America)

CRONICA FINANCEIRA

POLITICA DE COMPRESSÃO

e o pão politico

As declarações de Victorino Guimarães e as de Velhinho Correia

Merecem atento comentario as declarações que o sr. Victorino Guimarães produziu depois de entregar a pasta das Finanças ao sr. Velhinho Correia. Com a consideração que impõe a categoria do sr. Victorino Guimarães começaremos por declarar que algumas das suas declarações deviam ter sido feitas ha mais tempo, outras nunca deviam ter sido produzidas. Estas ultimas são as que se referem á posição da nossa divisa em setembro de 1922. Não porque reputemos o caso a qualquer quebra de correcção profissional, mas porque não estando nós de todo livres de que tornemos a resvalar por essa situação cambial, a nosso ver não devem fazer-se dessas revelações ao publico. Quando elas não sejam surpresas, peló menos sempre são uma confirmação de desconfianças ou receios, confirmação feita por um ministro de Estado, que vem de gerir as finanças publicas.

Em compensação ha outras declarações que s. ex.ª podia muito bem já ter feito, mas que ficam constituindo o ultimo serviço prestado pelo sr. Victorino Guimarães, na sua gerencia, pois que abrem caminho ao seu sucessor.

Queremos referir-nos ao seu valiosissimo depoimento sobre a necessidade urgente de se seguir uma politica de compressão. Nós que nestas colunas nos temos batido por essa politica, sem uma unica defeção ou hesitação, e não por capricho, por teimosia mas por compenetrada convicção de que estamos na verdade, lêmos com satisfação e a esperança de que tambem sejam lidas e entendidas pelos governantes, estas palavras do sr. Victorino Guimarães:

«... *desde logo a minha atenção se dedicou ao problema da situaçãocambial. Reconhecia reflectir ela indubitavelmente o excesso das nossas despezas. Pretendi, pois, quanto possivel, deteras despezas publicas e emissão de notas*».

Relembra que apresentou em tempo oportuno ao parlamento a proposta orçamental, pontualidade e escrupulo que nós aqui saudámos então e que nos apraz hoje reconhecer novamente que foi uma louvavel e trabalhosa tentativa para fazer regressar á vida financeira do Estado á normalidade, pelo menos das formulas.

E relembra mais que fez seguir a proposta orçamental da proposta de uma operação interna destinada a fazer recolher escudos com que saldasse o *deficit* de 1922-23.

Queixa-se s. ex.ª, e com razão, de que, calculando que o emprestimo fosse emitido em Abril *e vinha em estudos e negociações desde Outubro*, só em Junho fosse efectuada.

Nesta cronica assinalâmos essa morosidade do Parlamento que ameaçava comprometer o objectivo da operação, delineada para ocorrer a determinados fins e momento.

Folgamoe de que o sr. ministro das Finanças, de então, confirme com a sua autoridade os reparos feitos por nós no momento proprio.

E narrando a inutilisação dos meios projectados para corrigir o mal, que encontrou á chegada no poder, o sr. Victorino Guimarães diz em resumo: a proposta orçamental que, apresentada como foi a tempo e horas, devia ter proporcionado uma redução de despezas—*proposito do governo*—e que fôra uma aspiração da camara *na legislatura transacta*, saiu das mãos do parlamento sobrecarregada com *um aumento de despezas de cêrca de 14.454.340$00.*

Quanto á operação interna dos 4 milhões de libras, o sr. Vitorino Guimarães começa por confirmar os nossos receios e os nossos comentarios de que a emissão viesse a ser lançada na hora tradicional de levantamentos de depositos, para as compras de cereais—julho a setembro:

«*Teve-se, pois,* **em epoca impropria e já com as necessidades derivadas do «deficit» de 1922-1923 quasi no seu auge,** *de vir ao mercado colher as economias do particular para que não resultassem mais depreciados os restantes escudos que eram seus haveres.*

Acudiu o publico ao apelo feito, confiante no dia de amanhã, mas, simultaneamente, como fidalgo rico que com os ultimos bens redobra de estroinice, o Estado distribuiu as somas a receber pelos funcionarios publicos, e, para cumulo, prodigamente retrotrai essas melhorias a janeiro.

Os bancos e casas bancarias viram atingidos os seus depositos...»

Eis o quadro que, com mão de mestre, traça o sr. Vitorino Guimarães, com aquela especial autoridade que lhe dá o traça-lo na hora em que deixa a gerencia financeira do Estado.

Conclusões:

1.° O ex-ministro das Finanças declara ter reconhecido que a nossa situação cambial reflectia o excesso das despesas publicas;

2.° O ex-ministro das Finanças declara que tendo levado ao Parlamento a proposta do orçamento do Estado, para que o Parlamento o discutisse e reduzisse as despesas publicas, o Parlamento se limitou a converter em lei o que era uma simples proposta orçamental, não reduzindo as despesas publicas antes as agravando em mais 14 mil e tantos contos.

3.° O ex-ministro das Finanças declarou que o emprestimo interno foi lançado em epoca não propria;

4.°—O ex-ministro das Finanças declara que o Estado distribuiu prodigamente as somas a receber do montante do emprestimo.

* * *

Mais do que, por praxe seguida nas secções da especialidade, saudamos daqui o nome do sr. Velhinho Correia, que aceitou a sucessão do sr. Vitorino Guimarães na pasta das Finanças.

São familiares alguns problemas da nossa situação economica e financeira. Foi s. ex.ª quem ha bons tres anos se bateu no Parlamento pela urgente liquidação da frota do Estado, e foi s. ex.ª o defensor acerrimo do emprestimo interno.

Traz, portanto, uma biografia parlamentar que faz com que não surpreenda a ninguem vê-lo sobraçar a pasta das Finanças.

E quando a sua voz se não tivesse feito ouvir tanto nem tão alto, no parlamento, o sr. Velhinho Correia desde logo se teria inculcado como homem que tem a noção da complexidade do problema financeiro—ao declarar que não traz programa.

Em certa medida podiamos considerar programa algumas afirmações feitas.

Preferimos, por lealdade, considerá-las como principios fundamentais, doutrinarios ou experimentais, e aguardar que s. ex.ª proceda e governe.

Esperamos, porém, que a s. ex.ª não hajam passado despercebidas as declarações do seu antecessor que, de resto, o não terão surpreendido, uma vez que decerto bem de perto foi presenceando os factos, á medida que eles se iam desfiando, na gerencia do sr. Victorino Guimarães.

* * *

Estamos novamente em face da discussão da abolição do pão politico, não sendo talvez este, na verdade, o peor momento para acabar com ele, dado o excepcional ano cerealifero.

Compreende-se a coragem que a governos como o actual seja preciso, para tomar semelhante resolução.

Mas os cincoenta mil contos que o pão politico está custando, fazem com que o governo protele apenas a dificuldade e adie as dificuldades para a bolsa do contribuinte, que em vez de comer pão caro, se arrisca, pelo processo até aqui seguido, a comer o pão que o diabo amassou.

Não confiamos muito nos insuficientes armazens reguladores, para travar a elevação do preço do pão. Mas confiamos muito na lei da oferta e da procura desde que haja liberdade de comercio e de importação.

Poderá o pão subir de preço os primeiros dias, mas tudo se normalisará. E se o povo continuar a pagar o pão pelo mesmo preço—já não dizemos mais barato—que até agora, sem mais tarde o acabar de pagar na fórma de imposto ou de agravamento cambial, já é um grande bem.

Tudo está no saber se o governo disporá de decisão bastante para essa medida.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Sabugosa e de Murça, Condessa de Felgueiras, D. Maria Luiza de Borja Trindade Pais Mamede, D. Adelaide de Almeida da Camara Leme; D. Francisca Manso Gomes Palma de Atouguia, D. Constança Berqué de Mendoça Feio Folque, D. Maria da Ascenção Palmeirim Teixeira, D. Maria Luiza de Aguiar Peters, D. Maria da Graça Pereira de Melo de Mascarenhas e Silva e D. Arminda da Fonseca Mahalhães Talone da Costa e Silva (Almarjão).

E os srs.:

Conde de Castro Sola, Visconde de Silvares; D. José da Cunha e Lerena (S. Vicente), D. Antonio Vieira Tovar de Magalhães (Molelos), Joaquim Antonio Pereira Vilela, Gil Guedes de Queiroz (Foz), Fernando de Mendonça Belo, Agatão Lança, Manuel Maria Otolini Travassos Valdez (Bomfim), e João de Paiva da Costa Leite Brandão.

— Faz hoje anos a sr.ª D. Helena Gandon Burnay, esposa do nosso amigo sr. Frederico Burnay.

Nascimentos

Na sua casa da Horta do Bispo, em Evora, teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, esposa do nosso querido amigo sr. João Augusto de Vasconcelos e Sá.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Violante da Costa de Castro e Sala, esposa do distinto assistente do Instituto Superior Tecnico sr. Luiz de Castro e Sala teve ha dias em Vila do Conde o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saude.

Pontos de reunião

No S. Luiz

A notavel «tonadillera» La Goya, continua atraindo a este elegante teatro, todas as noites, uma selecta concorrencia, que se não cança de aplaudir a brilhante artista. Ontem recorda-nos ter visto entre outras senhoras, as seguintes:

Madame Bonin, condessas da Guarda, de Proença-a-Velha e de Sousa e Faro; viscondessa de Santo Tyrso e filhas, baronesa de Resende e filha, D. Amelia Martens Ferrão de Melo e Castro (Galveias), D. Tereza Calheiros da Silveira Viana, D. Laura Sant'Ana Gelhardo, D. Maria de Carvalho Ferreira, D. Bela Jemes Esteves da Fonseca, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Joaquina Mitre e filha, D. Angelina Mitre Conceição e Silva, D. Elisa Sarti, D. Hertense Luz Pombeiro, D. Virginia Luisa Cardoso, etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã de tarde «rendez-vous» nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no São Luis, penultima apresentação na revista «Fado Corrido» da notavel «tonadillera» La Goya, e na segunda feira de tarde nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse e á noite no São Luis, festa artistica e despedida da notavel «tonadillera» La Goya.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Ondine Bernaud Alves Lebo de Avila Lima, regressou de França á sua casa em Cintra, o sr. Manuel Lobo de Avila Lima.

—Encontra-se já no Monte Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Carmen da Silva Leite Belmar da Costa e seu gentil filhinho, o sr. Mario Belmar da Costa.

— A sua casa em Cascais, regressou da Curia, com seu filho a sr.ª Condessa de Castro.

—Partiu hoje no «sud-express» para Paris o sr. Visconde de Santarem.

—Para a Curia, partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria de Carvalho Nery e de sua gentil sobrinha D. Susana, o sr. Carlos Alberto Nery.

—De Faro para a Praia da Rocha partiu com sua familia, o sr. Constantino Cumano.

—Seguiu hoje no rapido das 17 horas para as Caldas da Rainha, acompanhado de sua ex.ma esposa, o ilustre senador e chefe da 2.ª Repartição da Camara Municipal de Lisboa, sr. Constancio de Oliveira.

— Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Elisa de Campos Henriques Braga, partiu com larga demora para o estrangeiro o sr. dr. Eduardo Antonio da Silva Braga.

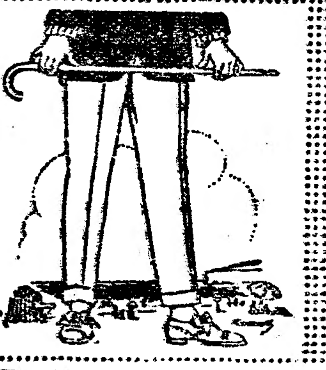
Doentes

Em via de restabelecimento da gravissima operação que ha tempos lhe foi feita pelo ilustre clinico sr. dr. Marçal da Silva, encontra-se já a sr.ª D. Ema Neves de Sousa Leal.

—Parte hoje para a Figueira da Foz o sr. dr. Fernando Mota, advogado e professor distinto.

CALÇADO PARA PRAIAS

CAMPO E SPORT



NOVA SAPATARIA DA MODA

102, 104, RUA AUGUSTA, 106, 108

MAQUINAS DE ESCREVER

IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 2, 1.° (Proximo á estação).

EPISTOLARIO

UMA CARTA

do Conde da Ponte

enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de D. Pedro IV

Exige a entrega do cargo e do arquivo da legação de Paris

Achamos bastante curiosas estas cartas dirigidas ao diplomata Nuno Barbosa de Figueiredo de Almeida Castelo Branco, então encarregado interino dos negocios de Portugal na côrte de França, em que havia já servido como adido em 1817-1818, pelo 7.° conde da Ponte, Manuel de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito.

O conde da Ponte participa-lhe, na primeira carta, que fôra nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, de S. M. F. o senhor D. Pedro 4.°, pelo infante D. Miguel regente em nome do mesmo.

Na segunda insiste em notificar a Nuno Barbosa que cessaram as suas funções oficiais e que, portanto, lhe faça entrega do arquivo e de qualquer correspondencia que tenha vindo do governo de Lisboa.

Nuno Barbosa respondeu a esta ultima carta, com outra de que possuimos o rascunho:

«Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Conde da Ponte. Havendo eu dado o passo de que V. Ex.ª deve ter conhecimento, visto achar-se a nota que passei a este governo publicada nos jornaes d'esta Côrte. Permita-me V. Ex.ª dizer-lhe que o principio de que parte na carta que me fez a honra de me escrever na data de hontem não é exato, pois que supoem eu ter cessado as minhas funcções de Encarregado de Negocios de S. M. F. junto d'este Governo, o que eu não fiz mas tenho com isto interrompido toda e qualquer comunicação com o actual Governo de Lisboa, em consequencia dos actos contrarios á legitimidade e determinação de S. M. El Rey D. Pedro 4.°. A' vista pois do que acabo de expor a V. Ex.ª conhecerá a impossibilidade de annuir ao que me pede na sua carta, bem como de continuar qualquer correspondencia sobre semelhante objecto.—Pariz 12 de junho de 1828.»

Nuno Barbosa, tendo-se declarado a favor da causa da rainha D. Maria 2.ª, continuou no seu logar até 1843. Serviu depois nas legações de Bruxelas, Coburgo, Haya e Berlim, tendo permanecido n'esta ultima até 25 de dezembro de 1848. Além d'esta data nada mais sabemos, porque nada mais diz o *Annuario portuguez historico, biographico e diplomatico*, por Antonio Valdez, publicado em Lisboa em 1855, onde colhemos estas notas.

O conde da Ponte era gentil homem da câmara de D. João 6.°, senhor de Assequins, par do reino, comendador da Ordem de Cristo, ministro da guerra, coronel de cavalaria, governador e capitão general do Pará. Era filho dos 6.^os^ condes da Ponte, João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito e D. Maria Constança de Saldanha Oliveira e Daun, filha dos 1.^os^ condes de Rio Maior. Casou com D. Josquina de Castelo Branco, filha dos 1.^os^ marquezes de Belas.

Escreveu um livro intitulado *Collecção das manobras mais faceis e necessarias a um corpo de cavalaria*. Lisboa, 1826. Nasceu em 1 de março de 1797 e faleceu a 30 de maio de 1852.

Henrique de Campos Ferreira Lima

Ill.^mo^ Sn.^r^ Nuno Barbosa de Figueiredo

Tendo sido nomeado Enviado Extraordinario e Menistro Plenipotenciario de S. M. Fedelissima o Sn.^r^ Rey D. Pedro 4.° pello Senhor Infante D. Miguel Regente em nome do m.^mo^ Augusto Senhor; e tendo chegado a esta Corte, julgo partecipa-lo a V. S.ª e remettendo-lhe; não só a copia do Decreto da m.ª nomeação, mas o officio que a V. S.ª vem dirigido p.^lo^ Ministro dos Negocios Estrangeiros; espero a sua repposta ficando prompte p.ª obzequiar a V. S.ª de quem

Sou m.^to^ vend.^or^

Conde da Ponte

P. S.

Pesso me reenvie a Copia do Decreto 10 de Junho

Ill.^mo^ Sn.^r^

Tendo V. S.ª sessado as suas funcçoens d'Encarregado de Negocios de Portugal, e não querendo portanto abrir o officio que a V. S.ª vinha dirigido p.^lo^ Menistro dos Negocios Estrangeiros daquelle Reino, he claro que não reconhece V. S.ª o Governo local de Lisboa e Regencia do Sn.^r^ Infante D. Miguel em nome de S. M. El Rey o Sn.^r^ D. Pedro 4.°, sendo eu portanto Menistro daquelle Serenissimo Senhor, que dimanna a sua Authoridade de S. M. Fedelissima unico Rey que eu tambem reconheço, na Augusta Pessoa do m.^mo^ Sn.^r^ D. Pedro, e em nome do qual fui nomeado: deverseficando portanto nós unicamente no reconhecim.^to^ da Regencia de S. A.; julgo de facil comprehenção, não dever V. S.ª guardar hum Archivo que pertence unica e exclusivamente ao Governo de Lisboa; assim como tambem por não ter aberto o officio que lhe remeti não deverá abrir qualquer correspondencia que receber do m.^mo^ Governo de Lisboa; assento portanto dever exigir de V. S.ª a entrega do Archivo pertencente ao Governo que me nomea e a remessa dos officios que receber do Menisterio dos Negocios Estrangeiros, daqui em diante: V. S.ª que he de certo dotado de razão e boa logica deverá concluir do que eu acabo de lhe expor, que, para obrar coherentem.^te^ me deve fazer as referidas entregas.

D.ˢ Guarde a V. S.ª Paris em 11 de Junho de 1828.

Ill.^mo^ Sn.^r^ Nuno Barbosa de Figueiredo

Conde da Ponte

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE—SABADO—HOJE

PENULTIMO ESPECTACULO da celebre «tonadillera» La Goya

Estreia de 4 numeros novos, além das FOLHAS CAIDAS e CANÇÃO DA AURORA e outras já consagradas pelo publico

Afestejadi sima revista, completa

FADO CORRIDO

Tendo chegado ontem o scenario e os riquissimos trajes tão afamados, as canções de La Goya apresentam hoje grande brilhantismo e deslumbramento.

ÁMANHÃ—Ultimo espectaculo e despedida de LA GOYA.—Bilhetes desde já á venda.

EDEN TEATRO

VARIEDADES-ESPECTACULO PERMANENTE

HOJE—Sabado 18—HOJE

GRANDE EXITO

O mais colossal sucesso de variedades.—A celebre bailarina internacional

LUIZA DE LERMA—Bailes espanhois, mexicanos, cubanos e «yankées»—Grande luxo de vestuario e decorados das mais celebres costureiras de New-York

Grande sucesso—A aplaudida estrela de variedades MARUJA DEL ORO, criadora da canção *Bajo la arboleda*, do maestro Amalio, de grande sucesso em toda a Espanha

Sexteto dirigido pelo maestro JOSÉ BONET

Todas as noites: Programa variado

TEATRO MARIA VICTORIA

(Avenida Parque Mayer)

HOJE—2 espectaculos 2—HOJE

FADO CORRIDO

O UNICO SUCESSO DA EPOCA DE VERÃO!

PREÇOS POPULARES

Fauteuils, 1.ª fila, 10$00; Cadeiras, 4$00; Geral, 2$00

TEATRO AVENIDA

HOJE ULTIMAS

BICHINHA GATA

DIA 24—«PREMIERE»

A REVISTA DE PRAXEDES

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.°

Telefone N.° 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Laboratorios de Farmacia

Instituto Pasteur de Lisboa

«LYOL»

(Topico oxygenado)

CURA:

FERIDAS—ULCERAS

FURUNCULOS

ERUPÇOES DE PELE

FARMACIAS:

LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

TEATRO NACIONAL

HOJE: ANTE-PENULTIMA

da famosa peça policial

20:000 DOLLARS

O mais emocionante dos espectaculos

APOLO Telefone n.° 4129

HOJE—AS 9,15 EM PONTO

GRANDE SUCESSO

—DA—

Companhia Maria Matos-Mendonça Carvalho

AS

Pupilas do sr. Reitor

POLITEAMA

Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

Direcção artistica de ARAUJO PEREIRA

HOJE Grande exito HOJE

ALMA FORTE

AVENIDA PARQUE

Antigo Parque Mayer (á Rua do Salitre)

VARIEDADES

RECREIOS e DIVERSÕES

Concertos de *jazz-band*.—Serviço de refrescos na esplanada.—Teatros.—Glissagem.—Tombola de animais

O RECINTO MAIS ANIMADO E AGRADAVEL DE LISBOA

As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiros e familias têm ENTRADA GRATUITA

Cinema Condes

Reaparição da Bertini—As ultimas estreias

Muito interessante e sugestiva a bela estreia de ontem no Condes, «Sacrificio em silencio», cuja principal interprete é a encantadora artista Alice Brady. Hoje estreia-se um novo numero do «Jornal do Condes», que passa em revista as mais recentes novidades da vida mundial. «Mãos de Arminho», o esplendido e curioso romance de aventuras policiaes, vai no seu 3.° capitulo, revelando-nos o trabalho assombroso de Jorge Seitz e Margarida Courtot. Amanhã, na «matinée», reaparece a incomparavel Bertini no drama «Acima da lei».

SAES «DERMOXA» suprimem todos os sofrimentos: *inchações, transpiração e calos.*—Vendem todas as farmacias e drogarias.—Depositario: M. Brandão, R. Eugenio dos Santos, 99

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 2541

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Paisagem

Andam-se leguas e leguas sobre a poeira desfeita, cinza de sol que queima as raizes, exgota sofregamente as bocas das cisternas, incendeia as searas, levanta miragens e põe no horisonte alucinado de sede, vibrações de luz, dolorosas, freneticas, esgotantes de côr.

Os rios caldeiam bronze, verdes como a cobardia dos homens e o amor das mulheres. O sol amassado em chama, pulverizou-se em calma. Os atomos de luz são sonoros, crescem no exasperado e surdo rumor das azas das cigarras, torcem as arvores, crispam as folhas, ressaltam nas pedreiras, onde ha ferrugens de sangue, e vibram nos timpanos como abelhões enfartados de morbus.

Todo o horisonte caminha, as cousas mudas e secas e as arvores ossificadas, ganham vertigens alucinantes de locomoção. Sob as azinheiras, em rodelas estreitas de sombra, os gados dormem de pupilas estoiradas, sangrentas, babas tumefactas nas narinas, como escorrencias de pús, que os moscardos tambem...

A estrada e interminavel, vai toda rolada de pó, tumulo de passos, delira em hiperboles, afasta-se dos pueblos cinzentos, tremulos, cremados de calor, e, como uma lingua arida, no reverbero do sol, vaporiza as sombras, caricatura os corpos, mendiga o suor dos segadores a caminho dos montes.

Toda a planicie envelhecida, brocada, com ossadas pulverolentas de animais abandonados, fistulas de sangue quente, nas dobras do terreno, coaxar de rãs, paúis adormentados, desesperada de sede, circulo do inferno, onde houvesse sulfataras hiantes, arvores loucas, luradas de fogo, esboçam atormentados calvarios, como querendo-se desprender da terra, que é a braza viva no coração da seiva, — sem um ninho, sem uma flor, sem uma folha, sem um veio de agua, estorce-se, encarquilha-se, quebra-se, agonisa, uma formidavel fala de calor, de calma, de sol, de vermelho delirio.

E sobre as arvores de tragicas braçadas em cruz, tatuadas de fogo, as cegonhas esfaimadas e misteriosas, como a alma da propria terra, afitam as suas pupilas interminas como o deserto, esperando que a ultima aza atravesse morta o espaço incendiado, para elas o guardarem com as suas azas longas e desmedidas.

Artur Portela.

CAMBIOS

Dia 18

	Comprador	Vendedor
s/Londres, cheque	- 2 11.64	2 11.64
» 90 dias	=	=
s/Paris	=	1$335
s/Berlim	=	=
s/Holanda	=	9$527
s/Madrid	=	3$278
s/Bruxelas	=	1$062
s/Roma	=	1$038
s/Suiça	=	4$383
s/Suecia	=	=
s/Noruega	=	=
s/Dinamarca	=	=
s/Nova York	=	24$189
s/Brasil	=	5 5/16
Rio s/Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

POLITEAMA
HOJE
ALMA FORTE

EM PROL DA NOSSA ARTE

A PINTURA PORTUGUESA na Exposição do Rio

UMA CONVERSA com o director do museu Grão Vasco

O director do «Museu Grão Vasco», de Vizeu, sr. Francisco de Almeida Moreira, que tinha ido ao Brasil, adjunto ao Comissariado Geral Português da Exposição do Rio de Janeiro, chegou ha dias a Lisboa. Quizemos entrevistá-lo. Almeida Moreira, encarregado da secção artistica do Pavilhão de Honra, podia dizer coisas muito interessantes sobre o Brasil e a Exposição do Rio. Vivendo para a Arte com um amor deveras apaixonado, o director do «Museu Grão Vasco» disse-nos:

—O sucesso do Pavilhão de Honra, destinado ás exposições artisticas, foi notavel. De 150 trabalhos expostos foram vendidos 53—sendo alguns adquiridos pelo governo brasileiro, com destino ao Museu da Escola de Belas Artes do Rio.

—Quais foram esses trabalhos?

—«O Baptisado», de Carlos Reis; «Sol da Tarde», de Joaquim Lopes; e «Parias»—baixo relevo de Teixeira Lopes. Para a acquisição destas obras muito contribuiu a excelente boa vontade do director e professor da Escola—João Baptista da Costa.

—O que pensa da Exposição?

—A nossa representação foi a mais brilhante possivel, sendo os nossos pavilhões, e os do Mexico, os que tinham mais caracter artistico—impondo-se, além disso pelos produtos regionais expostos. Admiravel tambem a exposição das nossas colonias, a cargo do visconde de Pedralva, e ainda a representação pedagogica das escolas industriais, liceus e escolas superiores.

—E o pavilhão das industrias?

—A sua abertura deu uma vida enorme á Exposição—havendo dias de perto de 70 mil visitantes.

—Trouxe algumas obras para o «Museu» que dirige?

—Sim. O meu compatriota Almeida Rebelo ofereceu os quadros que eu havia escolhido, com destino á secção de Arte Moderna do «Museu Grão Vosco», sendo um de Bonvalot, outro de Joaquim Lopes, uma aguarela de Helena Roque Gameiro e um quadro «Flores» de Raul Carapinha. Além disso outros compatriotas que se inscreveram como amigos do «Museu» ofereceram logo de entrada 18 contos, prefazendo a totalidade de 180. José Custodio Veloso ofereceu três quadros de artistas brasileiros, um baixo relevo em marfim, representando a adoração dos Reis Magos, que pertenceu á colecção João Arroio, e uma terrina de porcelana da India com o brasão do Marquez do Lavradio, que foi o ultimo vice-rei do Brasil.

—Existem quadros nossos no Museu da Escola de Belas Artes do Rio?

—Poucos—mas escolhidos. Três magnificos trabalhos de Columbano, dois de Malhôa, um de Silva Porto, dois de Salgado, um de Condeixa, um de Sousa Pinto—e aguarelas de Roque Gameiro e filha. Lancei a ideia de quanto seria interessante realizar uma sala de pintura portuguesa, ideia que foi belamente acolhida pelo director da Escola—Baptista da Costa. Entre os trabalhos dos nossos artistas que figuram no Museu da Escola figura tambem a copia dum triptico de Nuno Gonçalves, magistralmente executado por Luciano Freire.

—Que pensa da pintura brasileira?

—Os pintores brasileiros estão revelando um notavel progresso, havendo artistas de valor como Baptista da Costa, Edgard Parreira, Georgina de Albuquerque, Chamberlard, etc.

E' intensa a vida artistica do Rio—sendo muito frequentes e concorridissimas as exposições.

—Por conseguinte, a sua impressão geral?...

—Optima. Um ano de contacto com a alma dum belo povo que caminha gloriosamente para um admiravel futuro. Nunca poderei esquecer a maneira como me receberam e as atenções com que me rodearam.

Casamento de artistas

D. Helena Roque Gameiro e Leitão de Barros

Realizou-se ontem o registo civil, e deve ter-se realizado hoje o casamento religioso da senhora D. Helena de Roque Gameiro com o sr. Leitão de Barros. Os noivos pertencem á melhor selecção de artistas do nosso paiz, ambos medalhas de primeira classe em aguarela de arte, expositores de grande nome e representados já no Museu de Arte Contemporanea e em Museus Estrangeiros. D Helena Roque Gameiro, filha do insigne pintor do mesmo apelido ainda ha poucos anos vincou no Brasil a sua personalidade invulgar. Leitão de Barros, pintor distintissimo e escritor de apreciaveis qualidades reune os meritos suficientes a ser considerado um artista da melhor agua e um desempoeirado espirito do nosso tempo.

Cumprimentamos os noivos e suas ilustres familias.

HELENA ROQUE GAMEIRO

A'manhã anda a roda!

A PRAGA DOS CAUTELEIROS

VAI ACABAR?

Uma medida do chefe do distrito

Ontem á noite, na alma da Baixa, quando o jornalista esperava em vão com um amigo a chegada duma brisa que não surgia, surgiu junto dele um dos mil cauteleiros que infestam Lisboa, a teimar pela venda dum vigessimo.

—Compre, freguez! E' o 4030! E' o numero da «fé»!

—Não tenho esperança.

—Olhe que é uma linda «bola»! Fique com ele... E' o ultimo!

—Não quero!

—Foi recusado...

—Já disse que não quero.

—Isso dizem todos ao principio...

—Eu já estou no fim.

O vendedor de cautelas, um rapazola de dezaseis anos, fato de ganga a denunciar fuga da oficina, meteu o vigessimo no bolso do casaco do jornalista e observou:

—Daqui a bocadinho cá venho buscar o dinheiro. E' canja!

—Toma lá o vigessimo, rapaz! Põe-te a andar! Vai dar a sorte grande a outro!

—Ele aceitou o papelinho com mau semblante e foi-se a vociferar:

—Pinderico!

O amigo que me acompanhava e milagrosamente escapára do assalto, comentou ante o meu aborrecimento:

— E' terrivel esta praga!

E acrescentou:

— Felizmente para todos nós, os cauteleiros teem os seus dias contados.

— O governo decretou a pena de morte para eles?!

— Não exagere!

— Então?

— O governador civil pensa, por indicações de alguem que teve uma excelente ideia, reduzir ao minimo o numero dos vendedores de cautelas.

— De que maneira?

— Vender cautelas nas ruas não pode ser considerado como um oficio para pessoas validas. E' antes uma vadiagem perigosa permitida por lei. Quasi sempre o cauteleiro é o homem que não quere trabalhar, fingindo de trabalhador aos olhos do publico que não quer vêr...

—E abusando quasi sempre da sua paciencia.

—E da sua condescendencia.

—Mas o que fará o chefe do distrito para extinguir tão enfadonha classe?

—Esta cousa muito simples: consentir apenas aos invalidos para o trabalho e aos anormais a venda de cautelas na via publica.

—Medida acertada!

—Se é!

—Mas ha cauteleiros ricos! E' preciso contar com eles, com a sua influencia, com os seus galões...

—Esses nem por serem ricos, deixam de ser vadios. E nada têm que perder com a medida de saneamento. Desde que possuem capital não se verão embaraçados para montar pequenos estabelecimentos de venda de lotaria pagando as respectivas contribuições.

Neste momento ouvimos dizer:

—«Quod est, est».

Era o cauteleiro fardado que passava agitando uma campainha monumental.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

10105 ...	60.000$	5183 ...	1.000$
1485 ...	20.000$	5930 ...	1.000$
9048 ...	6.000$	7829 ...	1.000$
1272 ...	5.000$	8544 ...	1.000$
453 ...	1.000$	8614 ...	1.000$
1503 ...	1.000$	8653 ...	1.000$
1558 ...	1.000$	9894 ...	1.000$
3975 ...	1.000$	11687 ...	1.000$
4900 ...	1.000$	11960 ...	1.000$
5177 ...	1.000$		

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Um livro bastante util

UM GUIA PARA PORTUGAL

ORGANISADO

pe'a nossa Bibl'o'eca Nac'onal

Nogueira de Brito, nosso simpatico colega do jornalismo, passeava ontem no Rocio, gosando o frêsco da noite, com o ar de quem andava tratando de qualquer coisa interessante. Com efeito, não nos enganámos. Nogueira de Brito trabalha, n:ste momento, em colaboração com Gustavo de Matos Sequeira, no guia historico de Lisboa, que faz parte do *Guia de Portugal*, organisado pelo director dos serviços tecnicos da Biblioteca Nacional, sr. Raul Proença.

A conversa insidiu logo sobre o assunto. Nogueira de Brito é um conversador facil, vibrante, e ao seu temperamento de artista deve sobremaneira agradar o trabalho de que foi incumbido:

Ele o afirma:

—O *Guia de Portugal* será composto de dois volumes, cada um de 500 paginas.

—A orientação do guia é?

—Será um guia para o «touriste» inteligente. Haverá a parte descritiva, a parte historica, a parte evocativa. Será um guia bem escrito—atendendo a que colaboram nele alguns dos mais notoveis homens de letras de Portugal. Raul Proença, batalhador activo e que á Biblioteca Nacional de Lisboa tem dado com superior criterio, o melhor do seu esforço, teve isso em mira: apresentar um trabalho que valha ao mesmo tempo como obra de arte e como instrumento de elucidação.

—No fundo, uma obra patriotica?

—Evidentemente. Nele se ensinará a amar e a conhecer o nosso país.

—Quais os escritores que colaboram no guia?

—Quasi todos os que se têm imposto ao publico com uma obra, novos e velhos. Assim: Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Antonio Sergio, Jaime Cortesão, Reinaldo dos Santos, Alfredo Guimarães, etc., etc.

—Quando aparecerá no mercado?

—No proximo inverno deve ser posto á venda o primeiro volume: o sul do país.

—Um trabalho fatigante, não?

—Acabámos hoje a parte oriental da cidade. Agora temos direito a descançar.

E Nogueira de Brito, sempre alegre e bem disposto, ficou efectivamente a abanar-se com o chapeu e a descançar.

Os cegos

As passagens nos caminhos de ferro

Do sr. Branco Rodrigues, o benemerito director do Instituto de Cegos, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director:—A Repartição Internacional do Trabalho recebeu uma interessante informação relativa ás facilidades que devem conceder-se aos cegos, para viajarem nas linhas ferreas, acompanhada da relação das vantagens já concedidas em diversos países.

Depois de ler essas c ncessões, posso afirmar que, em país nenhum se tem obtido tanto, quanto eu tenho conseguido a favor dos cegos meus protegidos.

Ha mais de 25 anos a Companhia Portuguesa concedeu-me sempre passagens gratuitas em todas as suas linhas para centenares dos meus alunos.

Depois de que instalei a séde do Instituto, no Estoril, concedeu passagens para todos os alunos e para o empregado que os acompanha.

Em virtude dessa concessão que a Sociedade Estoril, generosamente mantem, podem os alunos ir frequentar as aulas do Conservatorio, onde alguns têm concluido os seus cursos e podem ir fazer os seus exames no Conservatorio e no liceu, onde já fizeram em 10 anos, cento e tantos exames, obtendo outras tantas aprovações e 75 distinções.

Actualmente para irem a ferias ou regressarem a casa de suas familias, a Provedoria da Assistencia tem concedido passagens não só aos alunos cegos, como ás pessoas que os acompanham, tanto nas linhas ferreas do Estado, como nas das diversas companhias.

Ora o que eu tenho obtido a favor dos meus alunos, poderá no futuro tornar-se extensivo a todos os cegos portugueses, se o Estado se interessar tanto por eles, como eu me tenho interessado.—*Branco Rodrigues.*

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo do Conde Barão, 49.

ALMAS DO OUTRO MUNDO

O MISTERIO DA CASA MALDITA

e os segredos do álem

DUAS CARTAS

que confirmam o que temos dito

Importa repeti-lo, já que, a avaliar pelas centenas de pessoas que continuam a insistir com o jornalista, parece haver quem se julgue muito feliz de afirmar a sua descrença nos factos que apontámos: *não temos a menor pretensão de convencer seja quem fôr. Nada, absolutamente nada, nos interessa que os leitores acreditem, ou deixem de acreditar, uma vez certos de que, ocupando-nos do estranho caso, temos em vista, apenas, dar noticia de um acontecimento cuja veracidade nós proprios constatámos.*

Desgraçadamente, atravessamos um periodo de *incredulidade credula*— porque são os que mais blasonam de descrentes os que primeiro se compenetram dos erros mais inverosimeis— na qual, á falta de argumentos que valham e á força, digamos o termo—de abandalhamentos que enfraquecem o caracter, muita gente se atreve a duvidar das intenções alheias. Para esses, e para quantos têm ousado, embora delicadamente, apensar seus quês de sceptismo á sinceridade do jornalista, vae a seguinte carta, recebida hoje mesmo na redacção do *Diario de Lisboa*, e cujo signatario nem sequer de vista conhecemos.

Diz assim:

Sr. redactor.—Li com extraordinaria surpreza o artigo de v. sobre a *casa maldita*, permita-me que assim o chame, da R. de S. Mamede, e já que v. se propoz informar os seus leitores dos misteri s em que ela anda envolvida, permita-me que lhe conte, como antigo inquilino da mesma, o que comigo aconteceu e o que nela vi, vai para dez anos. Cheguei a Lisboa, com minha tia, minha mulher e dois filhos, e, após uma estadia duma semana no hotel Francfort, foi-me inculcada a casa em questão, por um amigo. Como a despeza no hotel era elevada e como tinha que permanecer em Lisboa pelo menos 2 meses, aceitei gostosamente a indicação e no dia seguinte estava instalado.

Maldita indicação e maldita casa!...

No proprio dia em que fiz a mudança reparei que uma subita preocupação tinha invadido a minha tia. Chamei-a de parte e interroguei-a, sendo grande o meu espanto quando ela me censurou por ter alugado, não uma casa, mas sim uma parte de casa, visto uma senhora vestida de branco ter entrado para um dos quartos e fechado a porta no trinco. Fui ao quarto indicado e não vi ninguem!... Ainda não estava em mim da surpreza do incidente, quando a minha tia novamente me chamou e me bradou, indicando-me outra porta: «Olha!... Entrou para ali mesmo agora!...» Corri imediatamente para o local indicado, um quarto só com uma porta, e dentro dele «nada», absolutamente «nada»! .. Intrigadissimo, cheguei a desconfiar das faculdades mentais da minha tia. Jantámos, e como estavamos moidos, fomos cada qual para o seu quarto. Entrei no meu com minha mulher e, depois de nos termos deitado e apagado a luz, qual não foi o meu espanto ouvindo uns gritos dolorosissimos no corredor. Mas que gritos, Santo Deus! Já lá vão dez anos, e poderei viver ainda cem, que jámais me sairão dos ouvidos. Levantei-me aterrado e corri a casa toda, acompanhado de minha mulher e de minha tia, que tambem os tinham ouvido, e os gritos, que pareciam partir do compartimento mais proximo, durante dez minutos não deixaram de se ouvir. Querendo certificar-me do que seria, fui ao andar de baixo saber se lá estaria alguem doente. «Que não», responderam-me, como tambem que nada tinham ouvido.

Voltei para casa onde só os pequenos dormiam e durante toda a noite não deixaram de se ouvir gritos, ruidos, chegando a sentir-se o ruido de partir louças na cozinha, apezar de toda se conservar intacta. Minha tia recusou ir dormir para o seu quarto, alegando que a tal senhora de branco lhe tinha tornado a aparecer. Minha mulher teve um violento ataque de nervos, de forma que ficamos todos de pé ao lado dos pequenos. No corredor um verdadeiro inferno: um tropel medonho como se estivesse transformado em jaula onde mil animais andassem em luta. E assim estivemos até de madrugada. Saimos e voltei lá acompanhado dos srs. Henrique Folgosa, Rua dos Retrozeiros n. 3 e do sr. Alberto Ferro, funcionario do Hospital de S. José, dispostos esclarecer o caso; e sr. redactor, estes senhores, assim como eu, viram o tal fantasma branco atravessar a casa e ouviram os mesmos grit s angustiados. Não quiz saber de mais nada, mandei chamar dois moços e uma carroça e mudei tudo para o Hotel Francfort. Minha tia chegou a tratar-se com um alienista, tal a comoção que sofreu ao passo que minha mulher nem á custa da vida quiz mais passar pela Rua de S. Mamede. Ahi tem sr. redactor o extranho caso que comigo aconteceu e que até hoje ainda não encontrei explicação. — Com toda a estima, *Antonio F. Garcia.*—Quenêna, Concelho de Cascais.

E' verdadeiro o que neste documento se conta? Existem as pessoas que nele se apontam? Não sabemos, nem tivemos tempo de o averiguar, posto que não desistamos de o fazer. O que sabemos é que os factos narrados pelo sr. Garcia Nunes condizem rigorosamente com os que o jornalista observou e de que deu noticia aos leitores. Espiritismo? Almas do outro mundo? Devemos confessar que somos nós os primeiros a não crêr em tal. Produz-se um fenomeno. Esse fenomeno, naturalmente, ha de ter uma causa. Essa causa, e nós procuraremos conhecê-la sem auxilio das creaturas valentes que teem vindo oferecer nos ridiculamente, para as pesquizas, a rigeza dos seus musculos, e sem necessidade de recurso a mesas de pé de galo cujo testemunho se nos antolha caricato em assuntos de tamanha gravidade.

Convem, nesta altura — já que a perversidade alheia a tanto obriga — prevenir, para tranquilidade de um ou outro idiota dos que sabem avaliar pela sua a honestidade alheia, que o jornalista *não tem interesse pessoal algum a salvaguardar, não deve nada a ninguem e jamais soube valer-se de manigancias para seguir a sua rota na vida.*

Não falta quem, á laia de exigencia atirada á nossa sinceridade, pretenda por todos os meios que lhe digamos a casa onde os fenomenos se produzem, para—dizem eles—poderem ver e acreditar depois. Mas que nos importa a nós que esses tantos não acreditem? e que culpa podemos ter de os inquilinos do predio, no uso plenissimo de um direito que ninguem pode contestar-lhes, não estejam dispostos a aturar a impertinencia de quantos querem ir instalar-se na moradia que eles pagam? E' forte teima, esta, de, uns por basofia de valentia, outros a pretexto de investigações pseudo-scientificas, outros ainda a titulo de curiosidade doentia, toda a gente querer hospedar-se na casa em questão, como se aquilo fosse estalagem e a familia que lá mora possa ser obrigada a deixar que todos a incomodem!

* * *

Pela nossa parte, julgamos cumprir o nosso dever dando a publico o que sabemos; e quere parecer nos que o publico não tem o direito de exigir mais, a não ser que se excedam todas as marcas da inconveniencia entre gente que se presa de saber respeitar-se respeitando os outros.

No proximo numero, porque o espaço nos falta para mais, reproduziremos alguns trechos das cartas de amor que foram encontradas no entreforro do predio. Por hoje, só daremos ainda est'outra, que tambem nos foi dirigida e cuja sinataria ignoramos, da mesma forma, quem seja.

E' do seguinte teor.

Senhor: — Tenho lido o que o seu brilhante jornal tem escrito sobre o misterio da rua de S. Mamede (ao Caldas) e creia que me sinto deveras impressionada.

Ha muita gente que não acredita nestes fenomenos, mas, para essas pessoas vou contar-lhe o que acontece comigo! Ha vinte anos—devo preveni-lo de que já passo dos quarenta—um tenente do Exercito, meu querido e inolvidavel noivo, morreu subitamente vitimado por uma sincope. Quando viu que a morte se aproximava, disse-me baixinho: «Nunca sejas doutro, Maria». Respondi lhe naturalmente: «Nunca gostarei doutro homem Carlos». Dali a poucos minutos o meu querido Carlos expirava.

Passados cinco anos resolvi casar-me com um lavrador ribatejano que era doido de amor por mim. Na vespera do casamento «vi» a figura do meu Carlos que me disse, num tom de arripiar: «Não esqueças!» Excitada e cheia de medo, a custo adormeci.

Na noite seguinte, quando, com o meu noivo penetrei no quarto nupcial, de novo me surge a figura de Carlos a dizer-me: «Tu pagarás!» E paguei. Meu marido morreu dois anos depois, após um sofrimento terrivel. E eu nunca mais tive saude. De vez em quando surge-me a mesma figura. Não me diz nada. Sorri-me e vai-se embora. Viajei muito, a fugir-lhe. Mas para toda a parte me persegue!

E' por isso que eu não posso tolerar que certas pessoas trocem destas coisas.—De V., etc., *Maria da Cunha e Vasconcelos.*

Pelos teatros

«Troupe Portugalia»

Pedem-nos a publicação do seguinte documento:

«Nós abaixo assinados, na qualidade de associados e contratados da «Troupe Portugalia», de que o sr. Augusto Gomes e gerente, vimos protestar energicamente contra os boatos malevolos que em Lisboa se têm propalado sobre a situação, quer moral, artistica ou financeira dos elementos que compõem a indicada Troupe, pois para abono da verdade cumpre-nos declarar que, artisticamente, os resultados têm sido os mais honrosos possiveis e financeiramente, embora lutando com a má epoca para teatros nesta quadra de tempo, agravada pelo excessivo calor reinante, tem dado para que os artistas contratados estejam até á data pagos em dia e os artistas associados tenham, na medida do possivel e dentro da forma primitivamente combinada, recebido uma quota parte dos seus lucros e que ainda nem um só dia (excepto os das viagens), têm deixado de trabalhar.

Actualmente, em Barcelona, onde estamos ha quarenta e cinco dias, temos, honrosa e artisticamente, trabalhado nos melhores teatros como sejam: Goya, Barcelona, Comico, Folies Bergére, Teatro Circo España e Circo Barcelonês, e com contratos firmados para o norte de Espanha, França e Belgica. E como fé ao qual assinamos nesta cidade de Barcelona, no dia 11 de agosto de 1923».

Este documento firmado em papel selado, vem assinado, com as assinaturas devidamente reconhecidas, pelos seguintes artistas: Maria Laura Soares, Maria Alves, Aurora de Lencastre, Augusto Soares, Manuel Rocha, José de Moraes, Idalina Lopes e Domingos Costa.

Amelia Rey Colaço

A magnifica companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, iniciou a sua «tournée» em Alcobaça, tendo um extraordinario sucesso. O teatro de Alcobaça estava completamente cheio. O publico, logo que D. Amelia Rey Colaço entrou no palco, aclamou-a prolongadamente, participando dos aplausos o brilhante actor Robles Monteiro. Dos camarotes as senhoras acenavam com os lenços, num verdadeiro delirio. Foi extremamente sensibilizada que a gloriosa interprete da «Marioneta», agradeceu os aplausos. O palco ficou coalhado de flores. Nos finais dos actos repetiu-se a manifestação, tendo o publico ovacionado de pé Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro.

A brilhante artista para corresponder aos vibrantes e calorosos aplausos de que era alvo, recitou, duma maneira encantadora, versos de Rosalia de Castro.

Em Alcobaça não ha memoria dum exito igual ao que obteve agora a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Atrás do reposteiro

Faz ámanhã anos o ilustre actor José Alves da Cunha que, na proxima quarta-feira, deve interpretar no Politeama o protagonista da peça de Ramada Curto, «A Fera».

—Deve chegar ámanhã a Lisboa o actor Alvaro Barradas, de regresso de uma «tournée» á America, onde foi divulgar os nossos fados e canções regionais.

—A Companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento deve dar espectaculos em Matosinhos com as peças «O Homem da Cadeirinha», «Sulivan» e «Para viver feliz».

—Vão traduzir peças de autores franceses os srs. Horta e Costa e Monton Osorio, estando já traduzindo uma peça para a proxima temporada, destinada á Companhia Lucilia Simões. Horta e Osorio já traduziu a «Simone» e «O Sol de Aldeia».

—E' possivel que a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho ainda este mês represente a peça «A lei dos Morgados».

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido» e «La Goya».
Politeama—A's 21—«Alma Forte».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gata».
Apolo — A's 21,15 - «As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden – A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado — A's 21 — Variedades.
Circo da Feira — A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

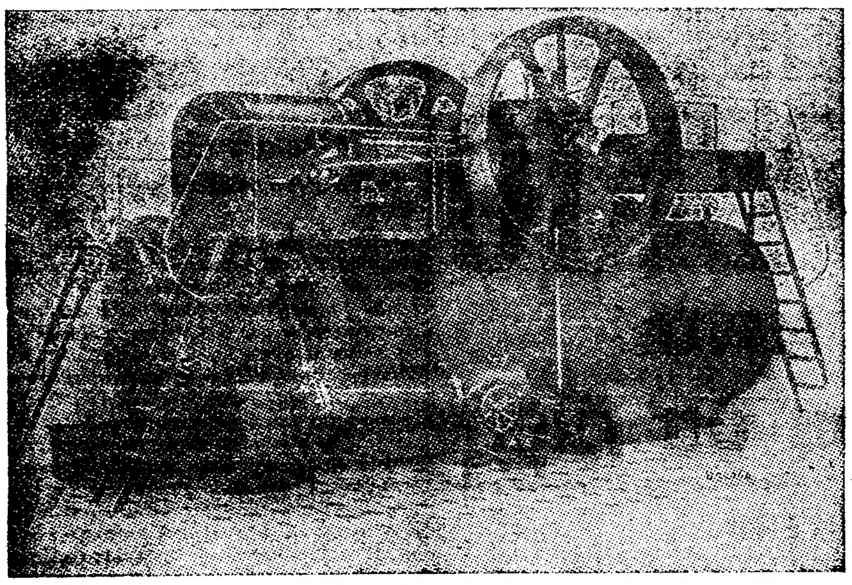
Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas **LANZ**

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

NAO HA MAIS PANNES!!!
OS PNEUS "WIG"

Ocos sem camaras d'ar, completamente de borracha. Nenhuma interrupção nas corridas por pannes. Nenhuns concertos nos pneus. Dispensam levar pneus de reserva. A mais perfeita solução do problema de reunir a mais absoluta segurança com a maxima elasticidade, solidez e duração. São os pneus indispensaveis para automoveis, motos e bicicletas em que a segurança de marcha é uma questão fundamental.

Representantes exclusivos para Portugal, Ilhas e Colonias
CANHA & FORMIGAL, L.DA
RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 6, 1.°

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

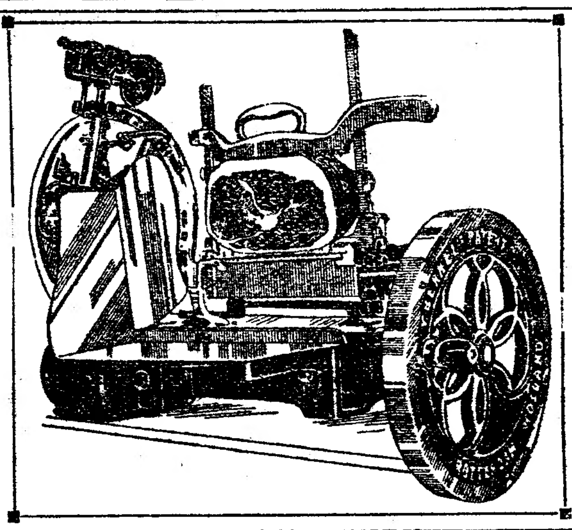
Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49
PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

"BERKEL"
MAQUINAS PARA CORTAR FIAMBRE



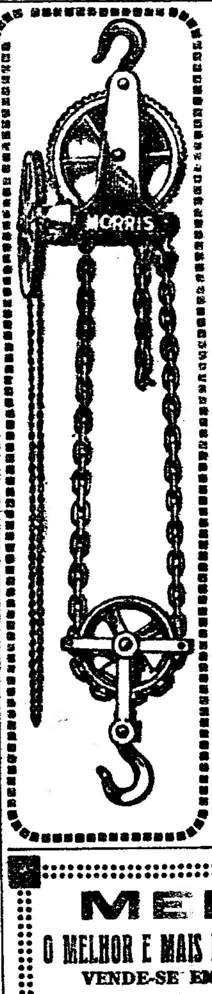
J. Narciso, L.da
R. dos Alamos, 7
Telef. 3121-N.
TEM PARA ENTREGA IMEDIATA:

AUTOMOVEIS
DERBY 6 H.P.

Representantes em Portugal

J. Bazilio d'Oliveira, L.da
Rua dos Douradores, 32, 2.°
Telefone C- 2897
LISBOA

unicos agentes para Portugal
"ELETRIGIA"
SANTA JUSTA, 87
A PILHA DE MAIOR CONFIANÇA
CADA 3$80
DESCONTOS AOS REVENDEDORES



Diferenciais MORRIS com parafuso sem fim, forças até 60.000 kilos.

PORTUGUESE MACHENERY CORPORATION LIMITED
61, AVENIDA DA LIBERDADE, 65

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO
Largo do Poço Novo, 30

MELINA
O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.a, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.°

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE DUBLIN

O PAPA

vai intervir

NA PRISÃO de De Valera?

LONDRES, 18

Pequenos grupos de soldados irlandêses entraram, a partir das nove horas da noite, na estação de Limerick, não despertando a atenção do publico.

Cêrca das nove e meia apareceu um automovel blindado com um grupo de oficiais e soldados pertencentes ás forças do general Brennan.

Quando o senhor De Valera chegou no meio de uma escolta, estas forças rodearam-no e conduziram-no para um comboio que estava formado e que o esperava com a maquina sob pressão. O comboio, que se compunha de maquina e dois vagons, pôz-se imediatamente em movimento, ficando um dos vagons repleto de tropa e tomando assento no outro o senhor De Valera e os oficiais. Tambem na maquina tomaram logar soldados completamente armados.

O senhor De Valera sentou-se muito palido e abatido junto dos oficiais da escolta.

Os outros passageiros dos comboios chegados nessa ocasião olharam com admiração para aquela scena, mas sem se manifestarem.

Pouco depois um individuo preguntou para onde é que levavam o prisioneiro, tendo-lhe sido respondido que para Dublin. Nessa altura um grupo de 20 pessoas, na sua maior parte raparigas, levantaram vivas a De Valera. O comboio pôz-se em marcha, no meio da noite chuvosa, sem que se tivesse dado qualquer outro incidente.

Um telegrama de Roma diz que foi feito apelo ao Papa a favor do chefe sinn-feiner, tendo o cardeal Gasparri respondido simplesmente que o Vaticano está oficialmente ancioso pelo restabelecimento da paz na Irlanda e espera que o internado seja submetido a um tribunal imparcial.—(E.)

A actualidade internacional

Stressmann

DESILUDE OS ALIADOS?

As suas importantes declarações

O primeiro discurso do chanceler Stresseman, na sessão em que, no dia 14, se apresentou no Reichstag, foi uma desilusão tremenda para quantos se tinham convencido, sobretudo a França, de que a substituição do sr. Kuno representava a resolução definitiva do interminavel e cada vez mais complicado problema das reparações. Quando se esperava que Stresseman viesse declarar que era chegado para a Europa o ultimo dia da contenda economica que se seguiu ao conflito armado, o novo chefe do governo alemão, o homem em quem a França tinha posto já as suas esperanças, surgiu a declarar «urbi e orbi», nada mais nada menos que isto:

«Que a mudança de ministerio não significa mudança de orientações essenciais na politica externa do Reich, e muito menos, como se prega no estrangeiro, que o novo governo deponha a sua atitude de resistencia ás violencias de que a Alemanha é vitima.»

Mais:

— Estamos atravessando momentos graves, e no interior do Reich a ameaça de uma agitação revolucionaria põe em perigo a segurança do povo alemão. Este governo saberá fazer frente a tudo para salvar a Alemanha da ruina.

«A resistencia passiva no Ruhr continuará: e só renunciaremos a ela quando o pleito fôr submetido a uma arbitragem imparcial. A Alemanha, agora como sempre, está disposta a cumprir lealmente e com toda a energia as suas obrigações para com os países a quem deve reparações, e este governo repete aqui solemnemente as palavras dos seus antecessores. Saberemos fazer frente ás violencias do exterior e a todas as forças que intentam minar a autoridade do Estado.»

Os jornais franceses, em face de tão inesperedas declarações, começam já a fazer volte-face aos aplausos com que haviam festejado a queda do sr. Kuno, pretendendo convencer os leitores de que o sr. Stresseman nunca poderia tê-los enganado, veem agora contar que o novo chanceler não passa de um oportunista como tantos outros; e que tem em casa um retrato do Kaiser fardado de grande uniforme; e que é ao mesmo tempo monarquico e republicano; e que nunca foi dotado de grande inteligencia; e, emfim, fundado o partido populista mudou apenas de etiqueta.

Antes, — ha dias ainda — reconheciam-lhe grandes dotes de organizador; chamavam-lhe «homem energico, eloquente, espirito perspicaz e desempoeirado de preocupações reacionarias...

Ora o que Stressemann é e foi sempre desde que nasceu para a vida publica da Alemanha, é o representante da Schewere Industrie, que ele proprio organisou, e de que Hugo Stinnes é chefe efectivo. A sua ideologia — o que admira é não se ter visto isto mesmo logo de entrada — é a do grupo industrial cujos interesses estão comprometidos na questão do Ruhr. De resto, as palavras de saudação que lhe foram agora consagradas pelo «Deutsche Allgmeine Zeitung» são bem de molde, nesse respeito, a desvanecer todas as duvidas.

Francamente: nós chegamos a achar graça a esta reviravolta! E' que temos presente um jornal parisiense que ainda ha coisas de semanas considerava o sr. Stressemann como o «unico homem capaz de salvar a Alemanha» e que já hoje o põe mais razo do que a lama dos caminhos. Agora, até já lhe chamam moço de fretes dos industriais do Ruhr...

DE BERLIM

O CASO

das reparações

E O DUELO anglo-francês

BERLIM, 18

O primeiro efeito da diferenciação dos pontos de vista inglês e francês, foi a queda do franco. A questão agora parece resumir-se num duelo entre a Inglaterra e a França, para se saber qual das duas nações consegue a exploração economica da Alemanha. A questão é digna de esforços porque a Nação que se aliar economicamente com a Alemanha dominará a Europa. A Alemanha com os seus enormes recursos tornar-se-hia durante um longo espaço de tempo, antes de ressurgir completamente, numa nação vassala ou da França ou da Inglaterra. — (R.)

O marco

tem feito grandes fortunas

BERLIM, 18

A baixa do marco continua a manter-se, e os socialistas acusam o sr. Havenstein, director do Reichsbank, de abrir largos creditos aos magnates industriais, para a compra de cambiais estrangeiros, o que se reflete em larga escala na depreciação do marco.

Calcula-se que estes milionarios alemães tenham ganho 17 biliões de marcos nos ultimos quinze dias.

Os socialistas anunciam que, a não se dar a demissão do sr. Havenstein dentro de três dias, o Reichstag reunira para promulgar uma lei criando uma fiscalização ao Reichsbank.—(E.)

Desordens

nas regiões ocupadas

BERLIM, 18

Varias desordens ocorreram ainda durante o dia de ontem nas regiões ocupadas. Em Aix-la-Chapelle, embora haja socego, a situação é tida como vulcanica.

Os mineiros do Ruhr retomaram o trabalho nas condições normais. — (E.)

Estão publicados os ALBUNS n.os 1 e 2 da
«Semana Musical»
Cada um com mais de 40 composições para Piano, Canto e Dança, das melhores e mais escolhidas entre extrangeiras e nacionaes.
Pela escolha dos trechos, pela variedade dos generos, pela perfeição do trabalho e pela modicidade do preço, que é de Esc. 10$00 cada um.
Os ALBUNS n.os 1 e 2 da
«Semana Musical»
são um verdadeiro sucesso e constituem o mais completo, o mais variado e o mais interessante repositorio de musica até hoje publicado.
Pedidos á Administração:
R. Ivens, 31, 1.°—LISBOA

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!
DEPOSITO GERAL — Telef. C. 1196
RUA AUGUSTA, 70, 2.°

LIBRAS--FRANCOS--PESETAS
EM NOTAS
VENDEM OS CAMBISTAS
A. J. D'ALMEIDA & C.ª
RUA DO COMERCIO 172—176

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas — PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Fazendas para Fatos e Vestidos
Peça amostras directamente ao fabricante
VENDE
JAYME PINTASILGO
FABRICANTE DE LANIFICIOS
COVILHÃ
As melhores qualidades
Lindos padrões
30 a 50 0/0 mais barato do que em qualquer outra casa
Agencia em Lisboa — 140, R. Eugenio Santos, 1.°
Agencia no Porto — 14, R. da Cancela Velha, 1.°

BAIRRO CAMÕES
Dr. A. Narciso
Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

Fatos e vestidos
Limpa, lava, tinge, concerta, volta, engoma e entrega nos domicilios prontos a vestir.
A DIANA
Rua da Palma 219, 1.°

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior. . . Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha — Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira — Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette — Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão . . Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

19 DE OUTUBRO

CONTINUOU ESTA TARDE

em Santa Clara

o julgamento dos implicados no atentado de Leiria

Tribunal Militar Especial. Não podemos dar um extracto fiel do interrogatorio do arguido Ferrão e da testemunha Antonio de Oliveira, em consequencia das mesas destinadas aos representates da imprensa terem, hoje, sido colocadas junto aos bancos dos réus, por ordem do sr. presidente do tribunal.

O major sr. Alpedrinha, defensor do Ferrão, declara que ficou com a impressão de que o seu constituinte não exteriorisou bem o seu pensamento, pelo que requere que ele preste novas declarações antes das acareações.

O juiz sr. dr. Ribeiro Castanho:

—E' da maxima conveniencia que o reu exponha com toda a verdade o que se passou.

O reu diz qualquer coisa que não conseguimos ouvir.

O sr. dr. Alfredo Nordeste:

—Eu desejava que o sr. dr. juiz preguntasse ao arguido se viu algum dos meus constituintes agredir o sr. Alfredo da Silva, na Praça de Leiria...

O Ferrão:

—Não vi nenhum.

—Porque é que frisou nomes nos seus depoimentos?

—O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque tinha um relatorio com os nomes dos arguidos e todas as vezes que me interrogava falava neles. Em Leiria era voz corrente que tinham sido os arguidos.

—Foi isso o que o senhor disse?

—Foi.

—Nesta altura o major sr. Alpedrinha diz qualquer coisa que tambem não percebemos.

O juiz, dr. Ribeiro Castanho:

—O melhor é V. Ex.ª requerer para que o seu constituinte seja submetido a um exame medico-legal.

O defensor:

—Como V. Ex.ª entender senhor juiz...

Começam as acareações entre alguns dos arguidos. O Ferrão declara que viu o Vieira apontar a espingarda ao sr. Alfredo da Silva.

O Vieira declara que levava a espingarda caçadeira em bandoleira.

O Ferrão:

—Como não fui militar, não sei bem o que é apontar a espingarda ou andar com ela em bandoleira.

Para tirar duvidas, fazem-se demonstrações com uma espingarda...

A seguir, depõe a testemunha Antonio de Oliveira, agente da policia de investigação, que, na noite do atentado, acompanhou o sr. Alfredo da Silva, o qual faz declarações comprometedoras para os réus. Em seguida procede-se a varias acareações etnre a testemunha e alguns dos arguidos que não deram resultado.

A' hora a que escrevemos, está esta testemunha sendo instada pelo dr. Nordeste.

DE LUTO

Antonio José Alves

Na Avenida Almirante Reis, 18, 2.°, esquerdo, faleceu ontem o sr. Antonio José Alves, conhecido lavrador e proprietario, que era dotado de excelentes qualidades de caracter e coração. O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Elisa da Costa Machado Alves, cunhado dos srs. Francisco Maria Ribeiro, oficial de marinha, dr. Marcos Cirilo Lopes, professor e deputado da nação e tio do nosso amigo sr. Horacio Machado Ribeiro, funcionario do ministerio das Finanças, em serviço na Junta de Credito Publico.

O funeral realiza-se, ámanhã, ás 16 horas, para o cemiterio oriental, ficando a urna depositada em jazigo de familia.

Pezames á familia.

José Maria Anselmo

Faleceu, no hospital de S. José, o sr. José Maria Anselmo, avô do nosso presado camarada da imprensa sr. Alvaro Anselmo, a quem endereçamos as nossas condolencias.

O funeral realisa-se amanhã, pelas 10 horas, saindo o prestito funebre do referido hospital para o cemiterio do Alto de S. João, sendo o acompanhamento a pé.

Cruzador «Carvalho Araujo»

Largou hoje ao meio dia para os Bancos da Terra Nova, o cruzador «Carvalho Araujo».

NO MUNDO DIPLOMATICO

O ministro DE PORTUGAL NO JAPÃO

pediu a demissão do seu cargo

FERNÃO BOTO MACHADO e a actual situação politica

Boto Machado, nosso ministro no Japão, é uma figura respeitavel do regimen. Pertenceu á propaganda. E é possivel que os seus cabelos brancos e a sua abalada saude venha desse tempo romantico, desse tempo em que as almas acreditavam e tinham fé.

Chegado do seu honroso posto diplomatico, recentemente, a Lisboa, Boto Machado recebe lá para cima, para Bemfica, o ar e o sol de Portugal. A sua casa, onde crianças espalham a unica alegria completa da vida, fica dentro duma aprazivel quinta, cheia de arvores, a cuja frescura e propicia sombra, muito aprazivel será recordar...

O diplomata recebe-nos carinhosamente. E a conversa, necessariamente politica, ganha, por parte de Fernão Boto Machado, um interesse cada vez maior.

—Ah! a nossa politica depois da implantação da Republica—murmurou Boto Machado, numa voz dir-se-hia quebrada do mais profundo desalento. Um deasstre. Só tivemos um governo: o provisorio. Esse mesmo com falta de coragem, uma vez que nem lançou, aos ricos, o imposto de revolução, que devia, de entrada, pagar a nossa divida, crear uma verdadeira assistencia, e beneficiar as classes proletarias... nem extinguiu os monopolios, como estava consignado no programa historico. Depois do governo provisorio, começaram a governar as «coteries», que, a seguir, se substituiram pelas plutocracias...

—A nossa democracia, pois...

—Não profane essa tão linda palavra, peço-lhe. Dentro duma monarquia clerical com presidente, que é o que aí está não póde, sequer, conceber-se a democracia. Na democracia o povo exerce a sua influencia e a sua soberania. Em Portugal quem manda hoje é o capitalismo, inimigo tradicional da soberania popular. Estamos, pois, vivendo, num regimen de autentica e despotica teocracia. Felizmente que não é nossa a culpa.

—De quem, então?

—Dos que á Monarquia foram buscar as mais fetidas escorrencias que lá havia, depositando nelas os destinos da Republica. Não se fez uma mudança de regimen—mas apenas uma mudança de lençois sujos, por lençois mais sujos ainda. Veja os «Transportes Maritimos»—a Monarquia não teve peor. E mais, mais ainda: os «Bairros Sociais», a «Exposição do Rio»... Uma obra de traição e de apostasia em toda a linha. Bancarrota de ideal, de principios, de convicções.

—As causas da nossa crise?

—Eu não direi crise, direi crises. Crise intelectual, crise moral, crise financeira, e crise economica. As causas, pregunta? Reduzo-as a três: estupidez, incompetencia e falta de caracter. Nem mesmo sequer sofremos do mal dos outros povos. Compreende-se a grande crise da Alemanha e da Austria. Mas o nosso paiz é inexgotavel. Tem uma grande elasticidade de tributaria. O que não tem é estadistas e os que podem chamar-se tais correm-nos a pau «os grandes regedores do ser tão monarquico». Haja em vista o que acaba de fazer-se a Bernardino Machado, a Magalhães Lima, a Duarte Leite... Leis, muitas leis, uma diarreia legislativa, que se publica, se substitue, e revoga, se suspende até por meio de portarias! Como se por meio de leis se reformasse o cerebro dum povo, ou como se as plutocracias se não ficassem a rir vendo que nenhuma pega...

—Sobre as nossas relações diplomaticas?

Faça-me um favor. Não me obrigue a falar desse assunto antes de eu ser desmentido.

—Desmentido?!

—Dentro da logica do procedimento anteriormente havido comigo, e em geral com todos os funcionarios republicanos, que não teem candeia acesa em Meca, ou no sobado de Paris, assim deve ser. Já pedi mesmo ao sr. ministro dos Estrangeiros, em carta, que liquide a minha situação, seja como fôr. Depois, falará D. João, Boca de Oiro. Tenho velhas contas a liquidar, e hei de liquidá-las com estrondo.

—Póde, ao menos, dizer-nos o que tem sido a diplomacia da nossa Republica?

—Ora essa, porque não! A de quantos monarquicos se alapardam no Ministerio dos Estrangeiros, onde julgo que não ha um unico republicano, a não serem os raros que andam lá por fóra... aos coices dos que estão cá dentro. Miseraveis!

—Volta para o Japão?

—Tenho todas as razões para voltar. Como em todos os logares onde tenho servido, trataram-me lá á maravilha. Mas se não mudar um tal estado de coisas, nem para o Japão, nem para o linferno. Não me conformo a servir, dentro da Republica, um Estado monarquico.

—Concorda com a eleição de Teixeira Gomes?

—Não, por varios motivos. Entre eles o de não conhecer os regedores da Republica, que são detestaveis, nem a engrenagem politica e administrativa—«Falperra de manto e corôa».

—Para onde caminha isto?

—Para Pantana, se não fosse o povo, rica massa de oiro, unica do mundo. Foi o 5 de Outubro e a vitoria republicana de Monsanto. Ele se encarregará de proclamar, novamente, a Republica.

—Receia qualquer movimento comunista?

—Espero-o—mas não o temo. Feito na Alemanha, virá por aí abaixo. Mas ao «comunismo branco das plutocracias» prefiro o comunismo das ideias dos radicais. O paiz está a saque—di-lo o proprio chefe do governo. A saque dos de cima, está claro. Ora eu prefiro um comunismo de indigentes a um comunismo de larapios. Aqueles estão habituados a um quarto de ração. Estes são animais de muito mantimento. E olhe que tenho que perder. «Chacun son tour».

—Tudo, menos isto, não é verdade?

—Sim—até o diluvio. Ao menos salvará a honra e os principios dos velhos republicanos.

A pasta das Finanças

A despeito de estar prestando as provas do tirocinio para o posto de major, o sr. ministro das Finanças tem comparecido, ontem e hoje, na sua secretaria, não se tendo efectivado a sua substituição interina pelo sr. ministro da Justiça. O sr. Velhinho Correia parte amanhã de manhã, no «rapido», para Caldelas, onde vai acompanhar sua familia, regressando a Lisboa na segunda feira.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

A magistratura nas colonias

Varios bachareis formados em direito, requereram ao sr. ministro das Colonias, para ser aberto concurso para delegados e conservadores do registo predial nas comarcas ultramarinas.

A fiscalisação da pesca

Largou hoje para o serviço de fiscalização da pesca na costa sul de Portugal, a canhoneira «Bengo» e deixou de fazer serviço na fiscalização da pesca, o contra-torpedeiro «Vouga».

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A POLITICA

O PARTIDO RADICAL

e o governo

Antonio Maria da Silva

Fala um dirigente radical

O jornalista conversou hoje com o sr. Sebastião de Carvalho Ferreira, membro da Junta Consultiva do P. R. R., presidente da direcção do Centro Republicano Radical 19 de Outubro, e, portanto, com responsabilidades na acção directiva do radicalismo:

—Não ha desinteligencias irredutiveis dentro do P. R. R. Isto não quere dizer que não existam por vezes pontos de vista diversos.

—A acção do Directorio tem agradado ao partido?

—Isso é um assunto de ordem estrictamente partidaria interna.

—A actual situação politica...

—Porque nada produziu de utilidade para o paiz, quer sob o ponto de vista economico, quer politico, social e ainda colonial, antes pelo contrario, tornou-se de ha muito insustentavel. E' publica e notoria a situação a que a administração do governo do sr. Antonio Maria da Silva nos levou. Nem sequer os problemas de solução mais instantes, como o da carestia dos generos e o do inquilinato, mereceram ao actual governo uma solução conveniente aos interesses da população.

—Sob o ponto de vista social...

—As perseguições que está movendo ás classes trabalhadoras, afastando-as cada vez mais da Republica, apenas favorecem os conservadores.

—Quanto á questão colonial...

—Ha, pelo menos assuntos perante os quais a incompetencia governativa se revelou claramente. Refiro-me á questão do convenio. O «modus-vivendi», assinado atrabiliariamente contra a vontade da população e os interesses de Moçambique mais cedo ou mais tarde produzirá todos os seus efeitos de perturbação e de ruina.

E o sr. Carvalho Ferreira fala-nos da questão da mão de obra e da questão financeira nas colonias:

—A questão da mão de obra é, não só sob o seu aspecto economico, mas especialmente juridico e moral, aquela que maiores dissabores ha de trazer ao prestigio nacional. Como nunca, lá fóra toma incremento a campanha dos inimigos de Portugal, e a sua acção muito em breve ha de fazer-se sentir na Liga das Nações.

—O Partido Radical...

—Não tem, no momento, ligação com nenhum partido. E' muito cioso da sua autonomia. Isto não quere dizer que, no interesse exclusivo da liberdade, de um momento para o outro faça todos os acordos que, não contrariando fundamentalmente os seus principios, servirem, ao menos, para salvar a Republica do monarquicos ou fascistas, seus notaveis inimigos, ou dos republicanos, democraticos ou não, seus fingidos amigos...

E o sr. Carvalho Ferreira conclue:

—Se a vida nacional decorresse normalmente, normais teriam de ser os meios para a regenerar. Por isso os nossos meios de acção e de lutas tem de ser excepcionais, se quizermos salvar-nos da derrocada certa...

O desastre de Badajoz

O tenente Leite chega ámanhã

No Centro de Aviação Maritima foi hoje recebido o seguinte telegrama:

TANCOS—10 e 25. Acabo de chegar a Tancos. Optima viagem. Tenente Leite deve chegar ámanhã á noite, acompanhado de um medico espanhol. O seu estado de saude é muito satisfatorio. Apenas tem dois ferimentos no rosto, sem complicações. (a) Comandante da esquadrilha mixta, Ribeiro da Fonseca, capitão aviador.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432—Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)